

AS ADAPTAÇÕES DO FOLCLORE PARA USO ESCOLAR E INFANTIL

Carlos Galvão Krebs

O fato folclórico, é sabido, de continente para continente, de país para país, de região para região, sofre alterações, combinações e recombinações. Por isso o fato folclórico é e não é o mesmo em todas as partes e em todas as épocas, como afirma Edison Carneiro corretamente. É o mesmo, por que sua essência permanece. Não é o mesmo, porque o desenvolvimento do tema e os incidentes variam, oferecendo novas versões do mesmo fato. Câmara Cascudo completa perfeitamente o que desejamos expressar. Se Edison Carneiro põe muito bem o problema, chamando de "dinâmica do folclore" a tal eterno processo de combinação e recombinação, Cascudo pinga o ponto final, mostrando que essas modificações do fato folclórico se operam ao sabor da "simpatia anônima".

Um dos exemplos mais flagrantes que podemos aduzir, para ilustrar o assunto, é o caso do bumba-meu-boi. De Norte a Sul do país vai ele tomando nomes diferentes: boi-bumbá, boi, bumba-meu-boi, boi-de-mamão e outras denominações mais, para terminar no extremo meridional do país, o Rio Grande do Sul, com a denominação de boi-tatá, como registrou João Carlos Paixão Côrtes. Segundo Cascudo a origem do bumba-meu-boi radica na fusão de reisados, ternos de reis, do ciclo natalino. Pois bem: originado dos ternos de reis, o bumba-meu-boi se foi alterando e modificando através do país, desde a denominação até o número e personalidade dos figurantes, até as variações no desenvolvimento do tema. E chegou, mesmo, no Rio Grande do Sul, a um curioso compromisso com a lenda da "mboi-tatá", a serpente de fogo dos indígenas.

Mas tudo isto, é preciso frisar bem, se operou conforme a simpatia anônima, como esclarece Câmara Cascudo. Se admitimos e respeitamos tal processo sofrido pelo fato folclórico, daí não se conclui que possamos interferir pessoalmente, diretamente, nas combinações, recombinações, adaptações e variações do fato, mesmo ungidos da melhor intenção. Ao contrário, uma das primeiras qualidades do folclorista ^{ta} é a sua veracidade, a sua fidelidade ao fato, tal como êste se apresenta.

A Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul possui um departamento que orienta a atividade artística no setor escolar, primário e Normal, a Superintendência de Ensino Artístico. Esta Superintendência, no mais louvável dos esforços, procura mimeografar as canções folclóricas e as distribui entre as professoras de música e canto orfeônico espalhadas por todos os grupos escolares e escolas do Estado. Como não tem função de pesquisa nem finalidade especificamente folclórica, não se poderá lícitamente exigir desta Superintendência o rigor requerido pela atividade do folclorista. Mas, além disto, ocorre um fato que nos parece muito grave. Com vistas à moral e à pedagogia, a Superintendência de Ensino Artístico vem censurando, modificando e adaptando a letra das canções folclóricas que mimeografa e distribui.

Vejamos um pequeno exemplo, retirado de uma canção "adaptada" pela Superintendência de Ensino Artístico:

TEXTO ORIGINAL:

"Boiadeiro, boiadeiro,
Sua vida é um horror,
Você atrás da boiada
E eu atrás do meu amor".

Agora o

TEXTO "ADAPTADO":

"Boiadeiro, boiadeiro,
Sua vida é um prazer,
Você atrás da boiada
E eu cantando p'ra viver"

Preliminarmente não cremos nocivo do ponto de vista moral ou pedagógico, que o escolar ou a normalista cantem a letra original, que é sem malícia, mas pura e sã. Não obstante, vamos omitir a discussão de pedagogia e de moral, permanecendo só no aspeto folclórico.

A Superintendência de Ensino Artístico vem mantendo sigtematicamente tal atitude. Todas as letras vêm sendo censuradas, adaptadas.

Muito em breve o Instituto de Tradições e Folclore da Divisão de Cultura, da mesma Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, e que vimos dirigindo desde alguns meses, entrará / em antagonismo com a Superintendência de Ensino Artístico. Lançaremos no próximo mês de Agosto um Curso Experimental de Danças Folclóricas do Rio G. Sul. Ora, as danças tradicionais do Estado geralmente são acompanhadas de canto. E o povo, quando cria, não o faz dentro dos gabaritos de moral e de pedagogia adotados pela nossa Superintendência de Ensino Artístico. Daí, por exemplo, o gaúcho pedir um beijinho à parceira de dança, no "Pezinho". Ou desejar ser balaio (na dança do mesmo nome) para andar dependurado na cintura de você. Acontecerá, de futuro, que o escolar e a normalista gaúcha conhecerão dois textos para a mesma dança: um puro, outro espúrio. Ficarão sem saber o que fazer nem o que julgar, pois não se lhes poderá exigir, legitimamente, conhecimentos folclóricos mais extensos e profundos.

Isto significa que, dentro da própria Secretaria de Educação e Cultura do Rio G. do Sul, nós estamos criando e alimentando uma situação anormal e prejudicial. De um lado, estamos

inovando intencional e desastrosamente uma criação folclórica. Estamos criando um sub-folclore, um folclore bastardo, adaptado, censurado. De outro lado, estaremos procurando manter a / pureza do folclore gaúcho, através do citado curso experimental de danças folclóricas.

O pior é que a febre das adaptações não ocorre apenas no extremo meridional do Brasil. Nem se circunscreve tão só à população rigorosamente escolar. Temos em mão um volumezinho da Biblioteca Infantil, Edições Melhoramentos, São Paulo, orientada pelo Prof. Lourenço Filho. O volume ^{apresenta} ~~indica~~ como autor Renato Sêneca Fleury, trazendo o título "Histórias do Pai João" e indicando provirem do folclore afro-brasileiro.

Em realidade não se trata de "autoria", mas de simples adaptação que, segundo nos parece, obedece à mesma intenção moral e pedagógica já examinada. O livrinho, que já está na quinta edição, compreende lendas publicadas por Nina Rodrigues em "Os Africanos no Brasil". Para não nos alongarmos citaremos apenas uma destas adaptações. Trata-se de uma coleta pessoal de Nina Rodrigues "Porque das mulheres, umas têm os peitos grandes e outras pequenos". Em resumo a lenda conta, que, num floresta, apareceu uma enorme mulher, de seios grandes, que devorava a caça e os cachorros dos caçadores. O rei mandou soldados, que fugiram duas vezes, acovardados, diante da mulher dos seios grandes. Afinal as próprias mulheres do reino, armadas de utensílios domésticos e de cozinha, deram combate à mulher enorme e a mataram. "Então cada qual tratou de apoderar-se de um pedaço do peito da mulher; as que puderam apanhar um pedaço grande tiveram os peitos muito grandes, as que só alcançaram um pedacinho, ficaram de peito pequeno, e é por isso que as mulheres não têm peitos do mesmo tamanho".

Na adaptação de Renato Sêneca Fleury (e não entendemos por quais razões morais ou pedagógicas) os seios da mulher enorme foram substituídos, como num passe de mágica, por... cabelos. Eis o final da adaptação: "Que longos e sedosos cabelos! Que cabeleira admirável! Então as mulheres, querendo possuir cabelos iguais, começaram a arrancar os cabelos da gigante e umas puderam pegar muito mais do que as outras. E cada uma ia pondo na própria cabeça os cabelos que tinha conseguido arrancar. Voltaram vitoriosas, umas com grandes cabeleiras, outras com poucos cabelos. E desde aí, houve no mundo mulheres de cabelos compridos e mulheres de cabelos curtos".

Finalizando esta comunicação, desejamos afirmar clara e decisivamente a nossa condenação a tais adaptações. Parece-nos que, na utilização do folclore para uso escolar e infantil, o critério mais correto e único admissível seria este:

1º. - Ou a criação folclórica serve perfeitamente aos interesses morais ou pedagógicos da escola e da infância, e como tal é aproveitada.

2º. - Ou não serve e, como tal, é omitida. Mas nunca, já mais se deverá cometer o crime das adaptações. Sob pena de estarmos traindo a criação popular e de nos lançarmos deliberadamente no caos em que se debate o Rio Grande do Sul: a coexistência, lado a lado, e em luta, de um folclore puro e um bastardo, com todas as nefastas consequências que daí advêm.

=====